

Introdução

Ygor Diego Delgado Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, Y.D.D. Introdução. In: *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo* [online]. Salvador: Edufba: Cetad, 2017, pp. 27-43. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN: 978-85-232-1859-1. <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0003>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Este livro trata do uso do crack na região central da cidade de São Paulo, onde se encontram diversos locais de comércio, de uso e mistos. Estes últimos se dedicam, além da venda, também a oferecer local para o consumo desta substância psicoativa tornada ilícita. Lá está a Cracolândia paulistana, um espaço símbolo do pânico moral em torno do “craqueiro” e local de intervenções cruéis e desastrosas por parte do poder público, particularmente os entes municipal e estadual nas gestões José Serra e Gilberto Kassab frente à prefeitura municipal, e José Serra e Geraldo Alckmin frente ao governo estadual de São Paulo. Estas administrações chegaram ao ponto de implementar uma ação repressiva denominada “dor e sofrimento” que resultou em humilhante fiasco. Mas, a região também é palco de uma das mais ousadas e exitosas políticas de intervenção pública sobre uma população usuária de drogas no Brasil; que parte da garantia de acesso aos direitos fundamentais como moradia, saúde, trabalho e estudo através do Programa De Braços Abertos (DBA), que atualmente se expande para outras áreas da cidade.

Embora, o crack e o seu usuário tenham sido objetos de uma grande exploração midiática, a ponto de o usuário ser igualado a um “morto-vivo” ou a um zumbi, muito pouco se sabe a respeito do uso dessa droga, além de uma série de preconceitos repetidos à exaustão, como por exemplo, a ideia de que a experimentação leva imediatamente à compulsão e de que esta forma de uso é a única possível. Portanto, ao escolhermos o uso do crack como objeto de nosso estudo, nós estamos procurando cobrir uma lacuna imensa no conhecimento a respeito do uso de drogas. Mormente, se levarmos em conta que o uso do crack, pelas possibilidades abertas à exploração midiática por seu consumo nas ruas, foi alçado a um dos principais

problemas de saúde e segurança pública do país, nesta virada de milênio.

O crack fumado na região central da cidade de São Paulo, área de nossa pesquisa, é produzido a partir de pasta base, geralmente proveniente do interior do estado. Esta pasta base, após processo de feitiço, com sua diluição em água quente e reação química por adição de bicarbonato de sódio, torna-se a pedra de crack. Importante salientarmos que a pasta base é a mesma matéria-prima da cocaína inalada, ao menos nesta região da cidade, conforme informações de interlocutores que tiveram oportunidade de trabalhar no feitiço do crack e da cocaína. Portanto, são falaciosas as informações que tentam assemelhar o crack consumido na Cracolândia a uma espécie de subproduto da cocaína.

As pedras de crack são comercializadas no varejo, em um grande número de pontos de venda ou “biqueiras”, por pessoas com maior ou menor vínculo com a estrutura do tráfico de drogas. Um “vapor”, como são alguns de nossos interlocutores, não é muito mais que um usuário de crack, momentaneamente incumbido de abastecer de pedras, certo local de consumo. Porém, este mesmo “vapor”, que obtém estas pedras em um ponto de venda com outras pessoas de vínculos mais estreitos com o tráfico, nem sempre é usuário de crack. No local de uso, seja ele um fumódromo ou na Cracolândia,¹ outros papéis sociais são desempenhados além do de “vapor”, geralmente por outros usuários de crack, mas também por não usuários, como os papéis de “disciplina”, “sintonia” e “contenção.”²

O uso do crack por nós estudado pode ser classificado como um uso forte, ou uso pesado da droga. Através da observação participante pudemos acompanhar pessoas em três

1 Usamos o termo Cracolândia por ser assim que os frequentadores do local a denominam.

2 Pessoa responsável pela segurança em uma “biqueira”. Pode ser também o usuário indicado para garantir as boas condições ambientais e de insumos a uma roda de crack.

ambientes de consumo: uma “biqueira” com fumódromo em local fechado; uma “biqueira” com fumódromo em local aberto; e a Cracolândia. Nestes ambientes de consumo e venda da droga, regiões psicotrópicas, podemos observar a dinâmica de comercialização e uso da pedra, como as negociações envolvendo preço e qualidade, os diferentes padrões de uso, sua evolução com o passar das horas e os conflitos de interesses entre diferentes atores. O fumódromo e a Cracolândia são ambientes de grande agitação, com uma gama de interações entre seus frequentadores. Estas interações costumam girar em torno dos mais diversos temas, mas daremos destaque àquelas desenvolvidas em torno da “treta”, ou no intercâmbio de bens e serviços. Nos ambientes do fumódromo a céu aberto e da Cracolândia, é o barraco que se destaca como local capaz de proporcionar o contexto mais propício ao uso da pedra.³ O uso do crack também exige, além do ambiente propício, uma parafernália de uso cujos itens entram no circuito da “treta”. Esta parafernália tem no cachimbo seu mais complexo e instigante componente, ele é um mediador sempre disponível à ação criativa do usuário que o reconstrói continuamente ao sabor das mudanças ocorridas em seu corpo, no decorrer do uso da pedra. Caso o usuário esteja mais ou menos desperto, alimentado ou descansado, ele poderá ajustar o cachimbo aos seus diferentes estados corporais.

A pesquisa, baseada na observação participante, nos permitiu acessar informações que de outra maneira não estariam à disposição, como no caso dos estudos levados à frente a partir de entrevistas semiestruturadas em ambiente controlado. Nosso trabalho se aproxima de outros realizados a partir da pesquisa de campo, porém, se diferencia destes por não termos acessado nossos interlocutores como redutor de danos e

3 Não sem motivo, a Prefeitura do Município de São Paulo precisa lidar com forte resistência a desmontagem de barracos na Cracolândia, após a implementação do Programa DBA.

ao mesmo tempo antropólogo, ou como antropólogo disfarçado em redutor de danos.⁴ Assim, pudemos conviver com os usuários de crack e entrar em contato com sua cultura marcada por toda uma terminologia própria, rituais de uso, papéis sociais, trocas de objetos, corporalidade, tecnologias para o abrigo e sexualidade. De tal modo, podemos demarcar como objetivo central da pesquisa: a descoberta das características e significados do comportamento ritualizado relacionado ao crack. O achado mais importante é que estes comportamentos fornecem uma infraestrutura para o processo de autorregulação controlador do uso.

Para análise dos dados levantados na pesquisa, e ainda mais, como guia de nossa observação e mesmo de nosso comportamento no campo, nos valemos de todo um arcabouço teórico e metodológico, alguns, já consagrados no Brasil,⁵ América do Norte⁶ e na Europa Ocidental.⁷ Apenas para citar os mais importantes em influência sobre nosso tratamento da questão da cultura do uso de drogas. Todos estes trabalhos são fortemente influenciados pelas contribuições seminais de Howard Becker sobre o uso da maconha. Originalmente publicado em 1963, o livro *Outsiders* associa a problemática do desvio à teoria da rotulação, meio século depois constitui-se em um clássico. Gilberto Velho manteve proficuo intercâmbio com Becker desde, pelo menos, o ano de 1976, quando Becker foi professor-visitante no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Além de Becker, outro autor fundamental para nosso trabalho e para a antropologia brasileira, segundo Velho, é Erwing Goffman:

4 No primeiro caso, trata-se da pesquisa de Luana Malheiros, no segundo de Taniele Rui.

5 Ver os trabalhos de Velho (2002), MacRae e Simões (2000) e Fernandez (2007).

6 Os trabalhos norte-americanos são prioritariamente os de Becker (2008) e de Zinberg (1984).

7 Uma importante contribuição teórica pode ser vista em Jean-Paul Grund (1993).

“Becker e Goffman são hoje autores fundamentais dentro da antropologia que se faz no Brasil, particularmente nos trabalhos voltados para os estudos urbanos e para a temática ampla de *indivíduo e sociedade*”. (VELHO, 2002, p. 13, grifo do autor) O tema do estigma para Goffman, tanto quanto as discussões sobre desvio e rotulação em Becker, marca, sob a influência de George Herbert Mead, uma preocupação com as interações interpessoais face a face em situações concretas, no caso de Goffman e sinaliza a ideia de uma ação coletiva em Becker. Estes dois autores pioneiros da Escola de Chicago possuem também uma imensa preocupação com a qualidade do trabalho de campo e terão influência decisiva no desenrolar de nossa pesquisa.

É também sob a influência decisiva de Howard Becker que Norman Zinberg escreve o ainda clássico *Drug, set and setting*, publicado em 1984. Nesta obra, o autor conclui, após se debruçar sobre o uso de heroína por veteranos da guerra do Vietnã, que não seria mais possível, para entender a experiência com a droga, limitar-se a farmacologia (*drug*) e a personalidade do usuário (*set*), mas também deveria-se atentar ao ambiente (*setting*) físico e social em que o uso ocorre. O *setting* proporcionado pela guerra não permitia que sanções sociais de controle e rituais tivessem chance de se desenvolver. Mas, assim que os abusadores de heroína foram retirados do ambiente nocivo, o abuso virtualmente cessou e, ao prosseguir suas pesquisas com outros usuários de heroína, Zinberg percebeu a existência de numerosos padrões de uso, como usuários de final de semana e mesmo usuários ocasionais de longa duração.

Portanto, mesmo uma droga como a heroína permite diversos padrões de uso e este uso é amplamente influenciado por sanções sociais e rituais disponíveis, ou não, no *setting*. A obra de Zinberg (1984) – feita a partir de uma ampla pesquisa com usuários de maconha, heroína e a LSD⁸ – provocou uma profunda mudança em como o uso de drogas era visto até en-

8 LSD – Dietilamida do Ácido Lisérgico.

tão. Porém, antes mesmo de Zinberg chamar a atenção para a importância do ambiente de uso, Timothy Leary (1999) já havia descoberto, a partir de suas pesquisas com o LSD, a importância de se preparar um ambiente propício à obtenção dos efeitos desejados da droga.

Este modo inovador de olhar o uso de substâncias tornadas psicoativas rende frutos e têm no trabalho de Jean Paul Grund uma importante contribuição para seu aprofundamento. O autor parte dos dados obtidos em uma pesquisa etnográfica com usuários de heroína e cocaína na cidade de Roterdã/Holanda. Nesta pesquisa, se observou uma disparidade entre as consequências funestas do uso de substâncias entre as populações de surinameses e holandeses, principalmente. Os primeiros ingeriam uma quantidade maior de substâncias, sem necessariamente terem maiores prejuízos em comparação com os usuários holandeses. Pelo contrário, devido aos seus vínculos comunitários e obrigações como traficantes de drogas, os surinameses acabavam por gozar de uma melhor estrutura de vida que os usuários holandeses, ou seja, possuíam uma quantidade maior de vínculos afetivos, compromissos, obrigações e responsabilidades capazes de lhes proporcionar uma melhor relação com o uso da cocaína e da heroína. Além disto, a disponibilidade da droga se revelou na pesquisa, um elemento importante para possibilitar o desenvolvimento de rituais voltados à preservação da saúde ao invés dos dirigidos, preferencialmente, à obtenção de fundos para aquisição de cocaína e heroína. Neste quesito, novamente os surinameses, por sua proximidade com o tráfico, se saíam melhor que os usuários holandeses.

Esta abordagem teórica rendeu, no Brasil, importantes trabalhos no campo da pesquisa antropológica do uso da cocaína inalada e fumada. No primeiro caso, se destaca o trabalho de Osvaldo Fernandez; nele se descortinam as regras, padrões e métodos de uso entre usuários experientes de cocaína, assim como sua visão de mundo em diferentes territórios da cidade de

São Paulo. Ainda neste trabalho, o consumo controlado (*light*) de cocaína inalada é comprovado pela presença de interlocutores com longo histórico de uso sem maiores consequências deletérias. A cocaína fumada foi objeto de estudo dos trabalhos de Luana Malheiros (2012; 2013). Eles enfocam a cultura do uso do crack na região central da cidade de Salvador/BA, e neles, a autora pôde diferenciar os usuários de crack por uma graduação quanto ao uso mais ou menos controlado; assim, surgem os “patrões”, os “usuários” e por fim os “sacizeiros”, ou usuários descontrolados.

O trabalho de Fiore (2013), também sobre cocaína inalada, teve como base de dados dez conversas com amigos do pesquisador, além de sua própria experiência como usuário de substâncias psicoativas. Assim como, neste livro, a Teoria do Ator Rede (TAR)⁹ serve como referência teórica para tratar de não humanos como actantes, ou seja, capazes de fazer agir. Fiore irá, além da TAR, valer-se de uma adaptação “antiana” das ideias de Zinberg e, se para este clássico do pensamento social sobre o uso de psicoativos se trata de observar o máximo de relações entre *Drug*, *set* e o *setting* do uso, para Fiore as relações se darão entre substância, sujeito e evento. Assim, ele acredita poder fugir das vicissitudes modernas tão amplamente divulgadas por Bruno Latour (2000, 2001, 2008, 2012) e pelos demais seguidores da TAR, principalmente, a separação entre natureza e cultura. Citamos acima, alguns trabalhos brasileiros e norte-americanos produzidos a partir das ideias seminais de Howard Becker. Certos pesquisadores dos fenômenos em torno do consumo de substâncias psicoativas ligados a TAR serão críticos dos trabalhos que tem em Becker sua referência seminal. Dentre estes autores, Fiore destaca os seguintes: Vargas (2006), para quem o uso de drogas pertence à ordem do evento e não do contexto social e Gomart (2002) que considera

9 Neologismo criado por nós a partir da sigla na língua inglesa para Actor Network Theory (ANT).

os trabalhos sob inspiração de Howard Becker como reproduções do determinismo moderno ao separar natureza (droga) e cultura (significado atribuído aos efeitos). Mas, segundo Fiore (2013), estes autores não teriam conseguido nestas críticas: “[...] ao menos no campo de investigação sobre drogas, um conjunto de ferramentas metodológicas para a demonstração de seu projeto de conhecimento sobre as drogas e seus usos, ao menos um que se destacasse claramente daqueles já utilizados pelas ciências sociais”. (FIORE, 2013, p. 14)

Trabalharemos com a ideia do consumo de substâncias psicoativas em certos contextos sociais e não com a noção de evento, por considerarmos o último pouco capaz de servir como instrumento teórico apto para a análise de comportamentos ritualizados como são os relacionados ao uso do crack. Verificamos em campo, o aspecto repetitivo das diversas práticas associadas ao uso. Mais que uma sucessão de casualidades fortuitas, aleatórias, ocasionais, ou seja, eventuais. No consumo do crack, a repetição, ao contrário, está intimamente associada a rituais, regras e valores de certa maneira permanentes no tempo e disseminados no espaço do centro da cidade de São Paulo. Os usuários de crack não estão invariavelmente perdidos no paradoxo, como nos gostaria de fazer acreditar Vargas. Muito pelo contrário, eles desenvolvem uma rica cultura de uso que lhes permite esperar certos comportamentos de seus pares, assim como lhes possibilita ter certa ciência de como devem comportar-se no decorrer das diversas interações que venham a estabelecer em sua “caminhada”.¹⁰ Para nós, acreditar que o uso de drogas está intrinsecamente ligado à vida intensa é desconsiderar certa extensão intensa dada na rotina; no cotidiano de usuários diários de drogas que, por mais de uma década, às vezes duas, vêm fazendo uso constante e têm no crack seu “feijão com arroz”. Também não encontramos nenhum usuário

10 A “caminhada” pode representar mais literalmente um longo trajeto, assim como, a própria história de vida do usuário é sua caminhada.

experiente de crack que declarasse usar a droga para “sair de si”, ou algo semelhante, muito pelo contrário, o ato de “brisar”¹¹ pode ser inclusive mal visto pelos pares, enfim, os efeitos não devem ser algo a escapar do usuário.

O livro também teve sua “caminhada” e no momento da organização resolvemos dividi-la em duas partes. Na primeira, se apresentam as considerações a respeito dos desafios da pesquisa de observação participante entre os usuários. Discutimos os dilemas éticos e dificuldades operacionais do investigador participante e nos valemos de descrições das atividades de pesquisa retiradas de nossos cadernos de campo. Mostramos a importância de termos tido um interlocutor que se dispôs a nos ajudar a acessar o campo e, em seguida, descrevemos o uso do crack em uma “biqueira” com fumódromo em local fechado. Neste contexto, pudemos observar com cuidado as técnicas de uso e começamos a nos interessar em compreender, além do cachimbo, as relações intrafamiliares e entre traficante/usuária e demais usuários. Descrevemos como pudemos também ter acesso a uma “biqueira”¹² com fumódromo em local aberto e, aí, desvendar uma dinâmica que de certa forma se repetiria na Cracolândia, com seus papéis, como o de “vapor” e “contenção”, além de sentimentos como a “sintonia”.¹³ Os dilemas éticos ocorrem fortemente relacionados às atividades ilícitas por nós vivenciadas, assim como questões relacionadas à participação nas rodas de crack e às consequências para a segurança dos interlocutores e mesmo à saúde e relacionamentos do antropólogo.

Após as considerações metodológicas e éticas poderemos adentrar na cultura do crack propriamente dita, no capítulo

11 O termo “brisar” pode ser entendido como sentir, mas também deixar transparecer os efeitos do crack.

12 Como são conhecidos os locais de venda e, por vezes, também, de consumo de crack.

13 “Sintonia” é o termo utilizado pelos interlocutores para designar o sentimento agradável de empatia entre usuários de crack.

intitulado: “A roda de crack: cultura material, corporalidade, padrões e rituais de uso na região central da cidade de São Paulo”. Temos aí, a descrição e análise da parafernália utilizada para fumar crack, particularmente do cachimbo, descrito a partir de suas partes constitutivas, até as técnicas de uso deste mediador por excelência. Do cachimbo passamos à roda de crack, e desta para o fumódromo com sua hierarquia, papéis e personagens, assim como com suas relações sociais estabelecidas no “corre” e na “treta”. Descreveremos as técnicas envolvidas na obtenção de um bom “trago”¹⁴ e também da “brisa”, para posteriormente os relacionarmos com os três contextos da roda de crack.

Delinearemos o papel de artesão desempenhado por Amélia na “biqueira” com fumódromo em local fechado; também adentraremos nos barracos da rua São Paulo e no “fluxo”¹⁵ da Cracolândia, todos eles, territórios psicotrópicos de uso e consumo de crack. Dados de nossa pesquisa e outras fontes bibliográficas serão analisados utilizando-se o modelo teórico de Howard Becker. Assim, procuramos verificar a pertinência de um modelo construído a partir de pesquisa com usuários de maconha, que Becker considera como incapaz de provocar dependência, e nossa pesquisa sobre o uso do crack, substância geralmente considerada causadora de séria adicção. Veremos então como, em certos aspectos, podemos falar da importância dos pares no aprendizado da técnica de uso do crack e de sua relevância também para a fruição dos efeitos desejados. Considerar o desejo e mesmo a necessidade dos usuários de crack de ter amplo

14 O “trago” é a unidade de consumo do “bloco”. Pode significar tanto a quantidade colocada sobre o cachimbo, ou “boris”, quanto o ato de fumar. Alguém, ao “favorecer” outro, pode referir-se ao pedaço do “bloco” ofertado como “trago”, “está aí seu trago” e quem recebeu o pedaço da pedra, ao fumar, pode observar: “agora, vou dar meu trago”. “Dar um bom trago” pode ser considerado o objetivo final do usuário e para tanto há de contribuir uma série de fatores.

15 O “fluxo” é a aglomeração de usuários de crack na região da Luz, em São Paulo. O fruir coletivo da pedra pode também ser chamado de fluxo.

acesso às fontes de fornecimento, que no caso dos usuários de maconha, estudados por Becker, os leva a um maior contato com os demais usuários, nos auxiliou a compreender a existência de territórios de venda e uso que chegam a tornarem-se espaços de atração tão fortes a ponto de os usuários de crack estabelecerem lá, seu local de moradia. A carreira do usuário, nestes casos, se torna uma carreira de progressiva exclusão da sociedade abrangente e de inclusão em um grupo desviante organizado. Isto tem grande impacto sobre a concepção da pessoa sobre si mesma. Perceber que para alguns usuários existe certo objetivo de incorporar a máxima “sou da marginália, sou do crack”, nos diz algo a respeito de uma identidade desviante advinda de um sentimento de destino comum. Porém, estes usuários também são capazes de desenvolver um repertório de respostas ao estereótipo do “nóia” e mesmo de construir uma autoimagem positiva e vão além. Edificam uma vida cotidiana em torno do uso do crack que preenche o tempo diário com atividades como a busca por meios para sustentar o consumo, as relações afetivas, “o corre”, “a treta”, a manutenção a todo instante do barraco, as conversas e uma grande gama de atividades condizentes com a situação de rua. Sugerimos assim, a existência de uma “dependência social” de todas estas relações, vínculos e práticas proporcionadas pelo uso do crack.

Após nossas conclusões, influenciadas pelo modelo de Becker, nos debruçamos sobre a obra de Norman E. Zinberg que, como já mencionamos, publica um trabalho absolutamente fundamental para a compreensão da questão do uso de drogas sob uma perspectiva social, *Drug, set, and setting: the basis for controlled intoxicant use*. O livro saiu publicado no ano de 1984 pela Yale University Press e a pesquisa foi realizada após mais de 20 anos de experiência clínica do autor, médico e professor de psiquiatria clínica na Universidade de Harvard. O trabalho de Zinberg segue a mesma linha teórica de Becker e Timothy Leary ao destacar a importância do ambiente no qual se consome drogas sobre seus efeitos e padrões de uso.

Tanto quanto para Zinberg (1984), o cotidiano entre os pares revelou-se de grande importância para nossos interlocutores. Assim, o prestígio adquirido pela observação de certos preceitos e máximas, ou sanções sociais, como prefere Zinberg, pode ser considerado importante fator de controle sobre o uso do crack, tendo em vista que eles tendem a limitar o consumo da droga. Vimos também a importância dos rituais de uso do crack no sentido de evitar a “paranoia” e “favorecer a sintonia” entre usuários, tanto quanto de manter a coesão da roda de crack pela observação de certos valores como a reciprocidade e a confiança.

O modo como um indivíduo usa drogas é, em Zinberg (1984), influenciado pela maneira como seus associados as usam, ou seja, sujeitos controlados tendem a conhecer mais usuários controlados que compulsivos. Eles também possuem uma rede mais ampla de conexões sociais – um grupo de pares mais largos – os provendo de retorno valorizado e reforço para o uso moderado. Enquanto sujeitos compulsivos, que tendem a conhecer mais usuários pesados e menos usuários controlados, também costumam ser mais solitários, além de excluídos da influência dos mais moderados.

A situação de rua revelou-se, em nossa pesquisa, como o ambiente privilegiado para alguém relacionar-se com outras pessoas que fazem uso cotidiano de crack e Corote¹⁶, especialmente. Para poder estar no “corre”, principalmente os de tipo mais arriscado e no intuito de sobreviver às noites perigosas da região central, muitas vezes sem dispor de um barraco.¹⁷ Observamos como é fundamental, no sentido de manter-se alerta para suportar sua “caminhada”, a companhia de outros

16 Marca de cachaça muito barata e vendida em garrafas PET.

17 Mesmo aqueles que possuem um barraco estão constantemente sujeitos a interrupções constantes, como no caso de uma “biqueira” a céu aberto, o que dificulta sobremaneira o sono.

“parças”¹⁸ na mesma situação, dispostos a manter seu uso sem cair no papel de “parasita”.¹⁹ Portanto, a companhia de “parças usuários fortes”²⁰ de crack é uma maneira de sobreviver na rua, fato que corrobora a ideia central a Zinberg, relativa à importância do grupo de pares sobre o padrão de uso.

O grupo de pares, nos locais que foram objetos de nossa observação participante, pode ser visto também como sendo capaz de formar uma “*communitas*” espontânea, como foi concebida por Victor Turner a partir da análise de obras literárias e exemplos históricos. Esta forma de colocar a questão da sociabilidade no território nos foi de grande importância como um recurso analítico para compreender o ambiente proporcionado pelo uso do crack e sua atração sobre os “craqueiros”. O uso do crack é coletivo nestes locais e o seu uso possibilita a vivência de uma sociabilidade semelhante à “*communitas*” espontânea que, segundo Turner, seria procurada tanto pelos *hippies* quanto por S. Francisco de Assis. Nela, a pobreza é algo fundamental, por permitir a manutenção de um estado desestruturado das relações sociais e possibilitar relações fraternais entre despossuídos, marcadas em nossa pesquisa, pela reciprocidade das trocas na “treta”. Ela tende a se distanciar das relações baseadas em “pessoas sociais” com funções estruturadas. Estas, mais ligadas aos membros muitas vezes circunstanciais do tráfico de drogas, como o usuário ou “vapor”.

Após termos compreendido o papel da “*communitas*” e de termos nos aprofundado nas ideias de Howard Becker e Zinberg, é que pudemos apontar o erro presente no estigma desqualificante do zumbi. Somente após compreendermos o cotidiano do usuário e suas variações corporais entre vigília e sono, fomos capazes de determinar a situação na qual sonho

18 Colegas de “caminhada”.

19 Usuário sem disposição para fazer seu “correr”.

20 “Usuário forte” é um termo nativo para designar aquele que faz uso de grandes quantidades de crack.

e vigília se misturam e, principalmente, avaliar ser este estado apenas uma parte da totalidade correspondente ao ciclo de uso. Assim, nos foi possível apontar como o estigma do zumbi toma a parte pelo todo. O trabalho de campo e os dados daí extraídos pela interlocução com usuários de crack nos permitiu trabalhar a teoria a respeito da importância contexto social do uso de drogas em diversos momentos. Portanto, autores como Zinberg e Becker irão nos acompanhar por todo o livro. O mesmo ocorrerá com certos personagens cujos depoimentos sejam pertinentes em mais de uma oportunidade. Nos desculpamos previamente caso isto torne a leitura um pouco repetitiva.

Gostaríamos também de deixar claro que este livro tem como tema principal o uso do crack, seus rituais, cultura material e padrões de uso. Tratamos, por um entendimento teórico, do contexto social em que este uso ocorre. Temas como crime organizado e outros pertinentes a pesquisas com população de rua irão apenas tangenciar nosso trabalho. Para não perdermos nosso foco e a especificidade de nossa contribuição.

Na última parte desta obra estudamos duas experiências de mudança no contexto social do usuário de crack e suas consequências. A primeira delas é o Programa DBA e a segunda são os times de futebol. Para analisar as razões do sucesso do Programa DBA, levamos em conta o trabalho de Grund (1993) sobre usuários de cocaína e heroína em Roterdã. Para ele, estrutura de vida, disponibilidade da droga e rituais e regras constituem uma tríade retroalimentada capaz de influenciar decisivamente no controle sobre o uso de drogas. No Programa DBA, a estrutura de vida é construída no processo de adesão e permanência no Programa, a disponibilidade da droga, fundamental para a construção de alternativas de vida cotidiana não centrada em rituais e regras para sua aquisição da droga, é garantida pelo tráfico a varejo existente no “fluxo”. A renda obtida pela participação nas atividades de zeladoria é garantia de sustento do uso de crack e ajuda a promover a evolução do usuário

para uma situação estabilizada. Em lugar do “correr” cotidiano vem a remuneração semanal, previsível e suficiente para um uso satisfatório de crack sob o ponto de vista do usuário.

No último capítulo deste livro trataremos do jogo de futebol entre usuários de crack da região escolhida como objeto de nossa pesquisa e, para tanto, iremos nos valer do trabalho de Goffman e McGinnes (1961) sobre os jogos absorventes. Veremos como o futebol fornece a possibilidade de grande absorção em seu interior, pelo enquadramento gerado pelas regras de irrelevância. Este envolvimento profundo permite ao orientador socioeducativo trabalhar tecnicamente os jogadores aumentando sua interdependência, sintonia e orquestração. A vontade de jogar e de vencer leva à participação em campeonatos e a deslocamentos para realidades fora daquelas próprias ao cotidiano da rua. Assim, no pós-jogo, o professor, como é chamado o orientador socioeducativo, oferece uma série de serviços, como a retirada de documentos, e indica outros rumos a serem seguidos pelos jogadores. No entanto, essas aberturas de perspectivas só logram êxito com o acompanhamento do jogador pelo professor. A mudança no padrão de uso do crack só é possível no contexto de um ambiente socioeconômico onde o mercado de trabalho se mostra menos excludente e pela mudança na estrutura de vida do usuário gerada pelos compromissos advindos dos ciclos de treinamentos e jogos.

Marcamos em *itálico* os trechos que o autor considera como mais relevantes para o entendimento de determinado assunto. Trechos de conversas e algumas declarações e palavras dos interlocutores poderão também aparecer em *itálico*. Ressaltamos que as informações verbais dos interlocutores entrevistados durante a pesquisa foram mantidas com suas expressões originais. Os termos nativos ou gírias estarão entre aspas. Acrescenta-se a confecção de um glossário ao final do livro trazendo o significado de algumas gírias ou termos nativos em seu contexto de uso. Como o(a) leitor(a) já pôde perceber, este livro

foi escrito na terceira pessoa do discurso como recomenda a metodologia de pesquisa. Deixaremos o uso da primeira pessoa apenas para as narrativas etnográficas. Os trechos retirados diretamente do caderno de campo serão apresentados em corpo do texto com a letra menor do que o restante da obra.

No zelo pelo compromisso ético com a preservação do anonimato dos interlocutores, a construção de alguns personagens foi prejudicada. Assim, o(a) leitor(a) terá de lidar com a frustração de ter algumas histórias pessoais sem conclusão. Chegamos até a nos obrigar a usar o recurso de dividir certos interlocutores em mais de um personagem; novamente ressaltamos, para a preservação do anonimato. Teremos então, pessoas que surgirão com detalhes econômicos a respeito de suas identidades. Pedimos vossa compreensão.

Uma outra advertência sobre os personagens retratados aqui e seus depoimentos é que devido ao fato deste livro conter, propositalmente, uma boa quantidade de explanação teórica, a mais clara possível – ela se dá com a intensão inequívoca de fornecer um arcabouço sobre o qual o(a) futuro pesquisador(a) possa orientar seu trabalho de campo e posterior análise. Os personagens e seus depoimentos serão mencionados por toda esta obra. No seu início, podendo retornar mais à frente e novamente em seguida, sempre que se faça necessário para exemplificar a teoria ou demonstrar um argumento. Procuramos, por isso, relembrar sempre que necessário os dados biográficos fundamentais à compreensão do texto.

Nosso trabalho não ocorreu sem mudanças de rumo. Inicialmente, pretendíamos pesquisar o uso controlado de crack, porém, o campo nos levou ao uso intensivo em fumódromos e nas ruas. Seguimos o campo e em dado momento fomos colocados frente à questão de persistir a etnografia e passar a usar crack com nossos interlocutores, ou abandoná-la. Esta decisão foi tomada no campo, sem prévia discussão com o orientador e foi de exclusiva responsabilidade do pesquisador. O uso do

crack se deu em cerca de uma dezena de oportunidades e não se apresentaram motivos para sua persistência findada na pesquisa. Ele nos permitiu ter acesso aos ambientes de consumo, nos quais não faz sentido permanecer sem estar fazendo uso da droga. Além disto, pudemos compartilhar e compreender a “sintonia” entre os usuários de crack que é caracterizada por um forte sentimento de empatia.